

## O USO DA CONSTRUÇÃO “X-INHO” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Fernanda de Souza Faria (UERJ)

[biana82n@gmail.com](mailto:biana82n@gmail.com)

### RESUMO

As construções com “X-inho” no português brasileiro são enquadradas geralmente segundo o disposto na gramática normativa. Muitos trabalhos analisam o uso do sufixo “-inho” no grau diminutivo, considerando somente a dimensão do tamanho. Entretanto, neste trabalho temos como foco analisar os diversos usos desse sufixo em situações reais. Visamos analisar o uso recorrente desse item linguístico da língua portuguesa à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Discutimos a divisão entre flexão x derivação. Analisamos o disposto na NGB e o que os demais autores falam sobre o tema. Diante dessa perspectiva, analisamos o uso do sufixo “-inho” em nove tipos de uso: dimensão de tamanho, afetividade positiva, afetividade negativa, intensidade, eufemismo, simplicidade, pronominalização, palavra lexicalizada e modalizador epistêmico asseverativo. Os *corpora* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFF (D & G) foram utilizados como dados nesse trabalho. Para obtermos uma melhor compreensão do estudo fundamentamos nossa análise em: Bybee (2006; 2010), Goldberg (2006), Traugott & Trousdale (2013), Bechara (2009), Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2006), entre outros.

#### Palavras-chave:

Diminutivo. Funcionalismo. Sufixo.

### ABSTRACT

Constructions with “X-inho” in Brazilian Portuguese are generally framed according to the provisions of the normative grammar. Many studies analyze the use of the suffix “-inho” in the diminutive degree considering only the size dimension. However, in this study we focus on analyzing the various uses of the suffix in real situations. We aim to analyze the recurrent use of this linguistic item in the Portuguese language in the light of the Usage-Based Linguistics (LFCU). We discuss the division between flexion and derivation. We analyze the provisions of NGB and what other authors say about the topic. Given this perspective, we analyze the use of the suffix “-inho” in different possibilities of the use. We analyze the use of the suffix “-inho” in nine types of use: dimension, positive affectivity, negative affectivity, intensity, understatement, simplicity, pronouncement, lexicalized word and assertive epistemic modifier. The corpora of the Discourse & Grammar Study Group of UFF (D & G) were used as data in this work. To get a better understanding of the study, we base our analysis on: Bybee (2006; 2010), Goldberg (2006), Traugott & Trousdale (2013), Bechara (2009), Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2006), among others.

#### Keywords:

Diminutive. Functionalism. Suffix.

## 1. *Introdução*

O presente trabalho possui como tema a análise dos usos do sufixo “-inho” no português brasileiro. Estudamos os usos do sufixo “-inho” baseados em *corpora* de língua real, tanto na modalidade falada quanto na escrita. Buscamos confrontar seus usos com o que é disposto pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). Investigamos o papel da linguagem para a construção de sentidos utilizando situações reais, considerando o contexto onde ocorre o discurso.

As construções com “X-inho” no português brasileiro são enquadradas geralmente segundo o disposto na gramática normativa. Muitos trabalhos analisam o uso do sufixo “-inho” no grau diminutivo considerando apenas a dimensão do tamanho, não levando em consideração o contexto de uso do sufixo. Sob essa perspectiva, o uso desse sufixo serve somente para mostrar que algo ou alguém é menor do que outra coisa ou pessoa. Entretanto, há inúmeros tipos de uso para o sufixo “-inho”, tais como: dimensão de tamanho, previsto na NGB; afetividade positiva, para demonstrar carinho; afetividade negativa, para demonstrar ironia, sarcasmo, ou seja, uso pejorativo, depreciativo do sufixo; eufemismo; simplicidade; pronominalização; intensificação, para dar ênfase, demonstrar intensidade; palavras cristalizadas (lexicalizadas), novas palavras, cujos significados se distanciam do sentido original do sufixo; e modalização epistêmica asseverativa.

O instrumental teórico que embasa este estudo é a Linguística Funcional Centrada no Uso, ou seja, LFCU. O objetivo central dessa corrente é desenvolver investigações baseadas em *corpora* de língua real, tanto na modalidade falada quanto na escrita. O recorte deste trabalho é de base sincrônica, pois fizemos uma investigação de forma sincrônica a fim de compreender os usos do sufixo “-inho”. Fizemos uma pesquisa qualitativa, pois o foco deste estudo é o processo, ou seja, mostrar possibilidades de usos em situações reais e não resultados. Levantamos a frequência e as ocorrências dos usos da construção “X-inho” através da investigação dos *corpora* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFF (D & G).

## 2. *Fundamentação teórica*

Bybee (2010) compara as mudanças linguísticas às dunas. A autora diz que as dunas de areia têm regularidades aparentes de formato e estrutura, entretanto elas apresentam variação entre instâncias individuais.

Apesar do formato das dunas aparentemente ser fixo, as dunas são maleáveis e estão em constante mudança. As línguas aparentam certa regularidade em relação à forma e à estrutura, porém simultaneamente apresentam variações em todos os níveis. Apesar de ter os mesmos padrões estruturais, as línguas mudam ao longo do tempo, mas de maneira bastante regular.

Conforme Bybee (2010), a língua pode ser considerada um sistema adaptativo complexo. Sendo assim, a língua se assemelha mais às dunas de areia do que a um edifício, porque as línguas possuem grande quantidade de variação e de gradiência. A gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, muitas vezes, porque ocorre mudança no tempo do modo gradual, movendo um elemento de uma categoria à outra ao longo de um contínuo. Por outro lado, a variação está ligada ao fato de que unidades e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico.

Segundo o exposto em Bybee (2006; 2010), a gramática deve ser pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua. Bybee (2010; 2006) detalha o conceito de “construção”. A “construção” constitui uma unidade mais adequada para a representação morfológica e sintática. A “construção” é um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas. A autora foca seus trabalhos no exame da interação entre uso e processo, propondo uma investigação sobre como as construções surgem. De acordo com a ótica da autora, as construções surgem da categorização de enunciados experienciados. As construções, portanto, possuem fixidez e esquematicidade.

Traugott e Trousdale (2013) propõem um novo modelo teórico para a investigação da mudança linguística a partir das dimensões da construcionalização e da mudança construcional, tanto lexical quanto gramatical, tendo como concepção de língua uma rede taxonômica de construções organizadas e associadas hierarquicamente. Conforme Croft (2000), tal modelo aborda a mudança linguística segundo a noção de construção, ou seja, da correspondência simbólica e convencionalizada entre os aspectos da forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e os aspectos da função (semântica, pragmática e discurso), possibilitando, também, a observação de instanciações linguísticas e de suas relações com outras construções em uma rede construcional composta por níveis esquemáticos e hierárquicos.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a língua deve ser definida como um conjunto de construções que se organizam hierarquicamente em torno de uma rede taxonômica comum, ou seja, uma rede de nós interligados por elos, de modo que as associações entre os nós se estabeleçam de maneira hierárquica. A construcionalização corresponde ao processo de mudança linguística que tem como resultado a emergência de um novo pareamento forma-função na língua, a partir das necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação. E também é responsável pela integração à rede construcional. A construcionalização necessariamente gera um novo pareamento de forma-conteúdo, ou seja, uma nova construção. Por outro lado, a mudança construcional consiste em um processo de mudança em um determinado nível linguístico de uma construção, sem resultar na criação de um novo pareamento forma-função na língua. Não envolve a produção de uma nova construção.

Conforme Traugott e Trousdale (2013), a Gramática de Construções busca compreender como surge uma construção linguística e tenta explicar como mudanças formais e semântico-funcionalistas acontecem, para observar como é a reestruturação da rede de construções quando entra uma nova construção na língua, e para relacionar os processos cognitivos de domínio geral com variação, mudança e estabilidade.

### **3. *Evolução histórica***

Através da linguagem os elementos estruturais do pensamento tomam corpo e aparência. A linguagem possui forma e aparência, essência e conteúdo. Possui significante e significado.

Três noções importantes passaram a caracterizar a evolução linguística no século XX: sistema, estrutura e função. A língua como um sistema surgiu com Saussure (1916). O termo sistema teve seu sentido alterado ao longo do tempo, pois passou a ser substituído por estrutura. Os estudiosos da língua passaram a adotar a visão de língua como sistema, como um conjunto cujos elementos se agrupam num todo organizado.

O Círculo Linguístico de Praga sofreu influências, como a de Saussure, que propôs a distinção entre *langue* e *parole*. O estruturalismo foi adquirindo novos adeptos. A noção de função foi se ampliando. Surgindo, então, o termo “funcionalismo”. Os funcionalistas passaram a entender a língua como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim. A intenção do locutor passou a ser primordial no discurso. Passaram a considerar a língua como um instrumento de

comunicação, deixando de ser analisada como um código autônomo dotado de sentido, que poderia ser decifrado independente da realidade ou do contexto social.

Para os funcionalistas o código linguístico por si só não garantiria o sentido do enunciador, pois há outros aspectos que colaboram na construção do sentido. A linguagem seria um sistema de escolhas onde é possível negociar sentidos, dependendo da interação e da socialização dos falantes. A língua, tendo estrutura maleável, como as dunas de areia em Bybee (2010), está sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

O Funcionalismo linguístico é uma vertente teórica voltada para o levantamento, a descrição e a análise da língua em uso. Os usos linguísticos são formas mais ou menos convencionais com que se estabelece a interação social. Essas formas são motivadas por fatores contextuais de natureza externa (pragmáticos, históricos, culturais, entre outros) e interna (sequências textuais, gêneros discursivos, pressões estruturais, entre outros). A linguagem é uma atividade sociocultural, histórica e contextual. A estrutura da língua serve a funções cognitivas e comunicativas e é parcialmente motivada. A estabilidade, a variação e a mudança estão sempre presentes nos usos linguísticos.

O Funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas, do Estruturalismo e do Gerativismo. Isto porque, o Funcionalismo considera a linguagem como um instrumento de interação social e, também, porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical. O Funcionalismo visa explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que ele ocorre. Nessa abordagem, a sintaxe, a pragmática e a semântica são domínios interligados e interdependentes ao mesmo tempo.

No Funcionalismo, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua. A estrutura é motivada pela situação comunicativa. Assim, se inicia a Linguística Funcional centrada no Uso (LFCU), cujos adeptos dessa corrente defendem uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

#### 4. O sufixo “-inho”

O sufixo “-inho” é originário de *-inu*, que inicialmente formava adjetivos latinos. Posteriormente, assumiu sentido diminutivo no português, indicando extensão de tamanho, e encontra-se em inúmeros vocábulos tais como: *corpinho*, *olhinho*, *toquinho*, *gordinho*, etc.

O uso recorrente de um determinado sufixo também pode gerar palavras cristalizadas, itens lexicalizados, cujos significados se distanciam do sentido original do afixo, que têm sentido diferenciado em relação à base semântica. São itens esvaziados do sentido original. São formas opacas. São formas não transparentes, lexicalizadas, como “salsinha”, “galinha”, “farinha”, “colarinho”, “barzinho” e “cafezinho”.

O uso do sufixo “-inho” pode realmente expressar dimensão, “Ele mora naquela casinha da esquina.”. Entretanto, pode gerara pronominalização, criar pronomes, como por exemplo, “Neguinho não faz nada dentro de casa.”. Pode também expressar um julgamento de valor positivo, como em “Filhinho, vai para caminha tomar o seu leitinho!” ou manifestar um julgamento de valor negativo, como em “menininha mal educada”. Pode também expressar simplicidade, suavização, intensificação e modalização epistêmica asseverativa.

O sufixo “-inho” muda o seu sentido de acordo com o contexto, dependendo do ponto de vista do enunciador e do interlocutor. Somente a construção morfológica não é suficiente para informar o tipo de informação contida na palavra. Este sufixo pode indicar diferentes sentidos e pode criar novas palavras. É o caráter polissêmico das palavras.

#### 5. Flexão x derivação

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) afirma que os nomes, substantivos e adjetivos, além de flexionarem-se em gênero e número, também se flexionam em grau. O diminutivo e o aumentativo são classificados como flexão de grau pela gramática tradicional, servindo apenas para identificar tamanho. Entretanto, o uso do sufixo do grau diminutivo e do grau aumentativo é considerado derivação para muitos estudiosos da língua portuguesa.

A noção gramatical clássica da gramática tradicional coloca o grau como uma categoria linguística que indica variação de grandeza e estabelece uma relação quantitativa ou afetiva entre significações nominais ou verbais. Muitos gramáticos da língua portuguesa seguem a NGB

e tratam o grau como flexão dos substantivos e dos adjetivos, equiparando-o ao gênero e ao número. Cunha & Cintra (2001), expõem que existem na língua portuguesa três tipos de flexão para os substantivos: o gênero, o número e o grau. Mas, tais autores, ao falarem sobre a derivação, também colocam os sufixos aumentativos e diminutivos na categoria de instrumentos desse processo, recurso utilizado na criação de palavras da língua portuguesa.

A formação de diminutivo é muito produtiva no português brasileiro. Na literatura, há divergências quanto à explicação para os sufixos de diminutivo. O grau diminutivo dos substantivos e dos adjetivos fica numa “zona de conflito”, pois poderia ser parte do fenômeno flexão ou do fenômeno derivação. Há duas possibilidades, podemos adaptar a palavra às condições específicas do contexto e também temos a possibilidade de criar palavras. Uma visão corresponde à flexão; a outra, à derivação. A principal distinção entre derivação e flexão reside, pois, no fato de a primeira não constituir um processo obrigatório e sistemático para o léxico da língua. Flexões são obrigatórias e sistematizadas. Por outro lado, as derivações não obedecem a regras fixas.

O primeiro a abordar o caso do grau na língua portuguesa foi Câmara Jr. (1970), posicionando-se contra a tradição gramatical. Considerando o grau como um processo não flexional. Na “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara (2009), o grau não é um processo flexional, mas sim derivacional. O grau não constitui para muitos estudiosos da língua um processo flexional, uma vez que não apresenta sistematização paradigmática. Isto porque, não implica relação sintática com os demais elementos da sentença, estabelecendo concordância. O grau, então, seria um sistema aberto que permite a criação de novos vocábulos.

Conforme Cunha & Cintra (2001), através da derivação sufixal é possível formar novos substantivos e adjetivos. Silva (2014) assevera que o grau é um caso de derivação, do ponto de vista morfológico. Ele se alinha à Câmara Jr. (2011) e ratifica sua posição dizendo que o grau não é obrigatório, não é paradigmático (não segue um padrão previsível), não tem relevância sintática (não influencia na concordância) e é formal e funcionalmente multifacetado (pode ser expresso por recursos linguísticos diversos), além de exibir um variado leque de propriedades semântico-discursivas.

Em relação aos substantivos, Rocha Lima (2006) conceitua o grau como o aumento ou a diminuição de um ser em relação ao seu tamanho normal. Portanto, nessa classe de palavras, o grau seria puramente di-

mentivo. Outros gramáticos, no entanto, dão ao grau outra conotação. Cunha & Cintra (2001) levam em conta fatores emotivos, afetivos ou valorativos na caracterização do grau, pois, para eles, umsubstantivo pode ter sua significação exagerada ou intensificada (aumentativo) e atenuada ou valorizada afetivamente (diminutivo).

Rosa (1982) diz que o grau é manifesto por um processo morfológico e demonstra emotividade. Por isso, entende-se que a afetividade está sempre presente na sufixação gradual. Por outro lado, a noção de aumento ou diminuição de tamanho pode estar presente ou não. Alonso (1967) também observa que as formações diminutivas, em sua maioria, possuem uma função emocional representacional e ativa, fugindo do sentido principal que seria a diminuição de tamanho. Para ele, a ideia de pequenez, por exemplo, é ressaltada através do processo analítico de gradação do significado.

Câmara Jr. (2011) expõe que a expressão do grau não é um processo flexional em português. Para o autor, não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si. Para Câmara Jr. (2011), alguns sufixos se destacam no espírito das pessoas “como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase que só nisso se resume”. Nos diminutivos, prepondera a função emotiva (psicológica) sobre a função lógica, a saber, a ideia de tamanho. O uso com sentido de tamanho é o utilizado pela gramática normativa. Segundo Cegalla (2004), o grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras possuem para exprimir as variações de tamanho dos seres. Cegalla (2004) informa que o grau diminutivo é usado para demonstrar um ser com seu tamanho normal diminuído. Entretanto, o sentido original das palavras foi ficando cada vez mais opaco, em muitos casos, a ideia de diminutivo foi perdendo o sentido de tamanho e criando consequentemente itens lexicalizados, originando novos vocábulos.

O grau diminutivo é classificado pela gramática normativa levando em consideração somente a dimensão do referente que o substantivo designa. Entretanto, há inúmeros tipos de uso para estes sufixos, tais como: afetividade positiva, afetividade negativa, intensificação, pronominalização, cristalização, eufemismo, intensidade, simplicidade e modalização epistêmica asseverativa. O grau tem caráter polissêmico e pode ter uma função denotativa ou uma função conotativa. Pode haver uma ambiguidade no real sentido do uso da palavra. Há uma polissemia, um “mundo de sentidos” para os sufixos diminutivos, pois eles não se prestam a um único significado referencial. Até mesmo a expressão do au-



mento ou da diminuição de tamanho pode ser considerada subjetiva, já que é relativa e, por isso, pode variar de indivíduo a indivíduo. Uma pessoa pode considerar pequeno algo, mas pode não o ser para outra. O grau é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a uma de suas partes, está diretamente relacionado à perspectiva do emissor.

Com base no exposto acima, é necessário refutar a interpretação adotada pela NGB, que opta por classificar o grau como flexão. O grau do substantivo e do adjetivo pode ser inserido, sem maiores dificuldades, no estudo da derivação sufixal. É preciso estudar e refletir acerca dos diferentes efeitos expressivos e contextuais operados pelo sufixo “-inho”, pois o que está exposto na NGB não abarca todos os seus usos, uma vez que, apesar de ser uma construção já existente, manifesta novos sentidos.

## **6. Apresentação dos resultados**

Utilizando trechos de relatos orais e escritos recolhidos no *corpus* D&G, fizemos uma análise qualitativa acerca dos nove tipos de usos do sufixo “-inho”.

Fizemos um estudo sistemático dos vários padrões de ocorrência, uma análise manual para enquadrar os usos nos nove modos exemplificados acima. As narrativas de experiências pessoais são repletas de espontaneidade, fazendo com que a expressividade e a emotividade estejam presentes no discurso. A descrição, que normalmente é objetiva, passa a ser subjetiva, para intensificar aquilo que está sendo descrito.

O primeiro tipo a ser exemplificado são casos de “pronominalização” do sufixo “-inho”. O trecho destacado é o relato de um rapaz, Daniel, com 22 anos. Foi solicitado ao rapaz que relatasse o que ele mais gostava de fazer. Ele utilizou o vocábulo “neguinho” em sua descrição. Utilizamos um trecho de seu discurso oral. Esta palavra é frequente na língua oral e é muito utilizada pelos mais jovens e adolescentes. É usada como pronome, é um caso de pronominalização. “Neguinho” não tem ligação com a raça negra nem com a dimensão de tamanho de alguém. “Neguinho” é uma palavra que usamos para chamar alguém, ou para nos referirmos a outra pessoa. “Neguinho” é equivalente a “moço”, “ele”, “moleque”, etc. “Neguinho” é uma palavra frequentemente utilizada na língua, assim, podemos dizer que ela é produtiva. Este trecho é um recorte do discurso oral. Veja o uso no trecho abaixo:

Relato de opinião: O que eu mais gosto de fazer é jogar sueca [...] joga sempre em duas duplas... uma contra a outra... né? e:: ((riso)) um naipe e o: cara que distribui a... a carta... eles... puxam a... carta de cima do baralho ou a de baixo... é o naipe que fica sendo o trunfo... o trunfo serve pra... quando você não tiver a carta do naipe que está na mesa... você corta o:/ corta o jogo... e sueca ela é legal porque você rouba pra caramba... entendeu? só não pode deixar a dupla adversária perceber ((riso)) [...] E: ninguém percebe também? I: ninguém percebe... [...] mas isso só quando **nequinho** já está muito bêbado também... porque... pô... jogo com todo mundo sem estar bebendo... não dá pra roubar muito porque... uma hora alguém percebe. (*Corpus D&G*, 1993)

O segundo tipo a ser exemplificado é o sentido afetivo negativo. O relato é de um rapaz, Daniel, com 22 anos. Foi solicitado ao rapaz que fizesse um relato de opinião sobre a situação política ou econômica da educação no Brasil. Ele utilizou o vocábulo “fusquinha” em sua narrativa. Faremos alguns recortes do relato para comprovar que o vocábulo tem tom negativo, ou seja, pejorativo. “Fusquinha” possui tom grotesco, apresenta um sentido de desprezo. Quando o sufixo é usado nesse contexto geralmente possui um tom irônico ou sarcástico. Este trecho é um recorte do discurso oral. Temos uma nova interpretação do sufixo, ao descrevermos seu uso semanticamente, vemos uma transferência metafórica. Diferentemente da simples ideia de redução, comum aos afixos diminutivos, o uso do sufixo “-inho” no trecho abaixo possui outro significado, mais abstrato, menos concreto. Neste caso, é interessante lembrar o contexto histórico brasileiro da época relatada. Este trecho é um recorte do discurso oral. Veja:

Relato de opinião: Porque o cara não define um plano... econômico pro país... depois... isso é muito ruim... porque se tivesse um plano já definido... até investimentos estrangeiros podiam vir pro:... pro Brasil... né? o Brasil é apontado hoje em dia no mundo inteiro como um dos piores lugares no mundo pra você investir... investir:/ fazer um investimento... né? [...] em outro país... e além do mais esse Itamar quer vo/ fazer voltar o **fusquinha** que é um/ ((riso)) é uma carroça... é uma coisa totalmente assim fora de época. (*Corpus D&G*, 1993)

O terceiro tipo a ser exemplificado é o sentido afetivo positivo. O relato é de uma moça, Rafaela, com 24 anos. Foi solicitado à moça que narrasse o que ela mais gosta de fazer. Ela utilizou o vocábulo “plantinha” em sua descrição. Faremos alguns recortes do relato para comprovar que este vocábulo foi utilizado no sentido afetivo positivo. A palavra foi usada num sentido bom, positivo. Aqui não há ligação com o sentido originário de tamanho do sufixo “-inho”. Não há ideia de redução, comum aos afixos diminutivos, o uso do sufixo “-inho” no trecho abaixo conota afeto, parece que a plantinha tem um valor especial, parece que é

algo valioso para a pessoa. Não temos uma acepção concreta, mas sim um sentido mais abstrato, subjetivo, emocional. Este trecho é um recorte da parte escrita. Veja:

Relato de Experiência Pessoal: Tenho como um dos meus hobbies cultivar plantas. Geralmente planto temperos. Quando eu cultivo plantas, o processo é o seguinte. Primeiro eu afofo a terra onde vou colocar as mudas. Logo em seguida coloco terra adubada e adubos, e misturo a terra cansada com a nova. Depois cavo buraquinhos com o dedo (a profundidade é o tamanho do dedo) e coloco as mudas nos buracos. Completo o que sobrou com a terra e logo em seguida rego as **plantinhas**. (Corpus D&G, 1993)

O quarto tipo a ser exemplificado é o sentido apresentado pela NGB. É o sentido original do sufixo “-inho”. É o uso do sufixo para expressar tamanho. O relato é de um rapaz, André, com 24 anos. O rapaz descreveu uma coisa que gosta de fazer. Ele descreveu como se faz um estrogonofe. Ele utilizou a palavra “pouquinho”. Podemos mensurar concretamente que é realmente uma quantidade pequena. O uso originário do sufixo “-inho” é para demonstrar dimensão de tamanho. “Pouquinho” é composicional, pois é possível verificar claramente a formação da palavra: pouco (base) + “-inho” (sufixo) que juntos originam “pouquinho”. “Pouquinho” representa uma pequena quantidade dos ingredientes. Aqui é possível notar claramente a noção de extensão da palavra que denota pouco tempo ao elaborar a preparação da receita. É o uso denotativo da palavra. Veja:

Descrição da receita de estrogonofe – modalidade oral: Sabe como é feito um bom strogonof... compra o camarão:: limpa o camarão... põe o camarão... boto cebola... pimentão... tomate... cozinho ele... deixo ele cozinhar um **pouquinho** assim... tipo assim deixo fritar um **pouquinho**... com cebola... tomate e pimentão... deixo ele cozinhar um pouco... assim fritar um **pouquinho** ele... com um **pouquinho** de ó::leo... um **pouquinho** de a::lho... entendeu? [...]. (Corpus D&G, 1994)

O quinto tipo a ser apresentado são os casos de modalização epistêmica asseverativa. O relato é de um rapaz, Fábio, com 18 anos. Foi solicitado ao rapaz que descrevesse um lugar onde ele gostasse de ficar ou de passear. Ele utilizou “fraquinhas” em sua narrativa. Fizemos alguns recortes discurso oral para comprovar que este vocábulo é usado como modalizador epistêmico asseverativo. Os modalizadores epistêmicos asseverativos são usados pelo falante da língua com a finalidade de expressar as noções de certeza ou verdade vinculadas ao conteúdo do enunciado. Desta forma, há um comprometimento maior do falante com o seu enunciado anterior. O modalizador neste caso concorda com o que foi dito. O advérbio de intensidade “muito” foi utilizado também neste recorte,

ele já expressa a ideia de intensidade, de ênfase, isto é, a ideia de que as luzes eram muito fracas. O “muito” já possui a noção de intensificação, ele é um advérbio de intensidade. Podemos parafrasear como “bem fracas”, eram “muito fracas”. Lendo o conjunto total deste trecho, entendemos que as luzes eram “muito fracas mesmo”, elas realmente eram fracas, “de fato” eram fracas, ou seja, neste lugar as luzes eram na verdade, na realidade, fraquinhas. O rapaz informa que o lugar é todo escuro. Veja:

Relato de opinião: Ultimamente eu tenho gostado muito de ir pra uma... pra uma casa... uma boite... né? [...] tem um... tem um palco... aonde fica o grupo... que... que canta... né? que por sinal a música... a música deles são... são muito boas... eh:: o ambiente é todo escuro... quer dizer... não é todo escuro porque se não... mas tem assim... um/ umas... umas luzes muito **fraquinhas** e tal... mas... no seu... no seu completo... praticamente... é todo... é todo escuro... e:: ar condicionado... muita gatinha... e... e pra quem gosta de... de namorar... é um bom lugar. (*Corpus D&G*, 1994)

O sexto tipo a ser apresentado são os casos de intensificação. O relato é de uma moça, Mônica, com 23 anos. Foi solicitado à moça que descrevesse um lugar onde ela gostasse de ficar. Ela utilizou “clarinho” em sua narrativa. Fizemos alguns recortes do discurso oral para comprovar que este vocábulo foi utilizado com o sentido de intensificação, para dar ênfase. Em seguida, ela utilizou “begezinho claro”, o que reforça a ideia de que o armário era muito clarinho. Diferentemente da simples ideia de redução, comum aos afixos diminutivos, o uso do sufixo “-inho” no trecho abaixo possui sentido de intensidade. Veja:

Descrição de lugar: O lugar que eu/ em casa... em casa... eu adoro assim... especialmente quando... está tranqüilo... à tar/ à tardinha... [...] resolvemos fazer a estante... aí ela é toda ajeitadinha assim... [...] tem o armário também... de quatro... quatro portas... ele::/ a parede é toda branca... o armário é **clarinho**... assim... é begezinho claro... o chão também... que é aquele::/ ai... agora esqueci o nome daquele chão... (*Corpus D&G*, 1994)

O sétimo tipo a ser apresentado são os casos de simplicidade. O relato é de uma moça, Érica, com 24 anos. Foi solicitado à moça que ela contasse algo simples que ela soubesse fazer. Ela utilizou “florzinha” em seu relato de procedimento. Fizemos alguns recortes do discurso oral para comprovar que o uso do sufixo “-inho” nos remete a situações de simplicidade. Não há a ideia de redução de tamanho, comum aos afixos diminutivos, pois o uso do sufixo “-inho” no trecho abaixo possui outro sentido. “Florzinha” denota uma flor simples, comum, que qualquer pessoa consegue fazer. O vocábulo “florzinha” neste contexto está se referindo a algo bem simples, informal, sem maiores requintes. Ela ensinou algo que qualquer pessoa é capaz de fazer. Ela ainda diz que fazer esta

flor é mais fácil de fazer do que preparar comida. É uma atividade comum, típica do contexto escolar. Veja:

Relato de procedimento: Descrever um processo? E: uhn... uhn... I: ah... cozinhar... eu gosto de cozinhar,mas vou falar outra coisa mais... assim... que eu dou aula de arte... pra criança... né? posso ensinar a fazer uma **florzinha**? E: pode... se não for difícil... I: não... é mais fácil do que... falar de/ comida é mais difícil de... de explicar por etapa... bom... eh:... eu sei fazer uma **florzinha** de papel crepom... por exemplo... que a gente fez no dia das mães... você:: escolhe umas duas cores de papel... duas cores contrastantes... e corta um::/ uma tira de uns:... trinta centímetros por:... cinco ou seis... de cada cor... eh:... um palitinho de churrasco cortado ao meio ou então um palitinho mesmo de:: pirulito... duxex... ah... e papel crepom verde também pra fazer as/a folhinha... bom... você vai franzir essa tira colorida... pra fazer a pétala... você pode cortar... em formatos diferentes... né? [...] corta uma folhinha verde... prende no palitinho... a folhi/ a **florzinha** está pronta... se quiser fazer um miolinho... você faz uma bolinha... de papel crepom de qualquer cor... cola no meio... aí pode botar purpuri::na... qualquer coisa dessa... aí está pronta a **florzinha**. (*Corpus D&G*, 1993)

O oitavo tipo a ser apresentado são os casos de eufemismo. O relato é de uma moça muito jovem, Claire, com 17 anos. Foi solicitado à menina que narrasse uma experiência pessoal. Ela utilizou “bonitinha” em sua narrativa. Este vocábulo apresenta um sentido mais brando, mais leve do que sua palavra base “bonita”. Provavelmente, a moça quis abrandar a situação, amenizar o fato, desejou atenuar o impacto real da situação nos interlocutores. A moça não quis usar palavras que diminuíssem o valor da mulher. Então, usou o “diminutivo” para atenuar a ideia de “mulher muito bonita, mulher gostosa”, ou seja, uma mulher que seria muito disputada e desejada por outros homens. O eufemismo é uma figura de linguagem usada para suavizar o peso conotador de uma palavra ou uma situação, é usado para passar que uma situação é mais agradável ou menos grosseira do que ela é de fato. Vimos que a moça narrou uma experiência pessoal triste, ruim. Ela ficou com traumas após passar por esta situação. Provavelmente, a moça não concorda com a visão de mulher “objeto” ou “mulher sensual”. Sabemos que as mulheres devem ser respeitadas por suas qualidades e todas merecem ser valorizadas. O corpo da mulher não precisa ser exposto. Nos últimos tempos, temos o empoderamento feminino, que mostra que as mulheres podem chegar aonde desejam e podem ocupar todas as posições na sociedade. Sendo assim, relacionamentos tóxicos não devem ser mantidos. As qualidades da mulher devem ser valorizadas, como inteligência e caráter, e não somente sua beleza. Hoje, sabemos que qualquer tipo de violência contra a mulher deve ser combatido, até mesmo a violência psicológica. Ao lermos a nar-

rativa, vimos que o rapaz apenas se relacionou com a moça por interesse em sua beleza. Percebemos que a jovem moça ficou magoada e entristecida. Veja:

Narrativa de experiência pessoal: Foi a minha primeira experiência com relação a namorado... eu conheci uma pessoa... [...]... eh... ele mora na minha rua mesmo... [...] ele tinha de/ eh... quase dez anos mais velho do que eu... eu tinha quatorze anos... [...] ele falou que... me admirou muito... ele falou que eu não parecia que eu tinha quatorze anos... que eu tinha mentalidade/ a mentalidade mais... eh... menta... mentalidade mais... avançada... e que... eu... eu... eu me destacava... eh... das minhas ami/ das minhas colegas... aí nós começamos a sair... a passear... ele me... me contava sobre as experiências dele... sabe? me colocava nas alturas... dizia que eu era... a garota dele... a garota da vida dele... e nisso tudo... eu só me iludindo porque eu não conhecia nada da vida... não conhecia a opinião dos rapazes... nem nada... então aquilo pra mim era uma experiência nova... a primeira na época... então aquilo tudo foi muito bonito pra mim... era fantástico... tinha um brilho... eu não tinha o quê? malícia da vida ainda... eu não tenho muito agora mas naquela época... aí aconteceu o quê? eu comecei a me envolver com ele... meu pai/ meus pais... meus pais descobriram... não gostavam dele... e tudo foi passando... tudo bem... foi correndo... ele dizia que me/ gostava muito de mim... que queria continuar... sabe? falava que não tinha importância o que meus pais achavam... que o nosso:: sentimento era maior do que tudo... foi quando: um dia... assim à tarde... eu descobri que ele estava dando em cima de uma amiga minha... mas aí as pessoas me contavam que ele estava... eh... a fim de sair com ela... mas eu não acreditei nem nada... pra mim ele era... sabe? um deus... sabe? uma pessoa que eu só... idealizava... eu não pensava nos defeitos dele... só nas qualidades... foi quando... ele/ as pessoas tentaram abrir o meu olho... e eu nem liguei pra ninguém... (as opiniões dos outros) achava que ele era o certo e acabou... aí com o tempo... [...] o sentimento dele não era verdadeiro... entendeu? ele não gostava de mim... eu gostava mais... eh... de... sair com garota **bonitinha**... porque na época eu era uma garota bonita... entendeu? eu tinha/ estava assim (em contato) todo mundo queria sair... e tal... então isso/ e o interesse dele era esse... entendeu? de sair... de tirar onda comigo... pela minha beleza... e não pela o que a pessoa/ pela pessoa mesmo que era dentro de mim... o meu sentimento ele não ligava... foi quando num dia ele... falou assim “ah... vamos dar um tempo...” eu “tudo bem...” uma semana depois... ele começou a dar em cima dessa minha amiga... ela chegou pra mim... falou pra/ falou o que estava acontecendo... [...] aquilo pra mim foi um choque... foi uma desilusão... e... até isso influenciou tanto... que até hoje eu não consigo gostar de ninguém... sabe? o meu sentimento sempre ficou... eh... com um pé atrás[...]. (*Corpus D&G*, 1993)

O nono tipo a ser apresentado são os casos de itens lexicalizados ou palavras cristalizadas. O relato é de uma moça, Rafaela, com 24 anos. Foi solicitado à moça que narrasse uma experiência pessoal. Temos aqui um caso de item lexicalizado, pois a moça utilizou a palavra “barzinho”. Não há nenhum sentido afetivo e nenhuma menção ao tamanho do local

neste trecho. “Barzinho” é um local mais simples, onde as pessoas se reúnem para comer petiscos e beber com os amigos. “Barzinho” é muito mais usado em português do que “bar”. “Barzinho” é um item que já se lexicalizou, pois o seu emprego é muito mais frequente coloquialmente do que o do segundo vocábulo. O uso do vocábulo “barzinho” já está arraigado na cultura popular urbana de muitas grandes cidades. “Bar” não é a mesma coisa do que “barzinho”. Temos dois verbetes no dicionário. O “não diminutivo” correspondente se refere a referentes diferentes. Veja:

Relato de experiência pessoal: [...] meu nome é Rafaela... eu estudo na PUC... no Rio... faço desenho industrial com habilidade em projeto de produto... [...] eu queria que você... me contasse alguma história que tenha acontecido com você... que você tenha achado... ou engraçada... ou alegre/ [...] triste... [constrangedora...] I: [ou alegre?] aconteceu uma coisa super boa comigo faz umas semanas... que eu estava num **barzinho** sentada... no Leblon... com vários amigos... aí: eu... olhei pra frente assim:... e reconheci uma pessoa que é um profissional super conhecido de design do Rio... [...] eles estavam precisando de uma pessoa no Centro de Promoção Design Rio [...]. (*Corpus D&G*, 1993)

Como vimos nos exemplos acima, o sufixo “-inho” usado no grau diminutivo originariamente era usado para denotar a extensão de tamanho de algo ou alguém. Entretanto, vimos que o sufixo muda o seu sentido de acordo com o contexto. O sufixo “-inho” também é usado para demonstrar intensidade, afetividade positiva, afetividade negativa, simplicidade, casos de eufemismo, modalização epistêmica asseverativa e pronominalização. Por fim, ainda contribuiu para a criação de novas palavras, os itens lexicalizados.

## **7. Considerações finais**

Analisamos uma amostragem de diferentes usos semânticos da construção “X-inho” através dos exemplos oriundos do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFF (D & G). Comparamos o que a NGB estabelece com os resultados encontrados e encontramos novas abordagens para os usos da construção.

Fizemos uma pesquisa qualitativa com um recorte sincrônico para identificar os diferentes tipos de uso do sufixo “-inho”. Vimos no trabalho que a formação da construção “X-inho” é classificada como flexão de grau diminutivo pela gramática tradicional. Essa construção, segundo a visão tradicional, serviria apenas para identificar tamanho.

Entretanto, o uso do sufixo do grau diminutivo é considerado derivação para muitos estudiosos da língua portuguesa. Há muito que se estudar em relação à construção “X-inho” em *corpus* de natureza oral e escrita do português brasileiro. O estudo apresentado nesse trabalho considerou nove tipos de uso da construção “X-inho”: tamanho, intensidade, afetividade positiva, afetividade negativa, simplicidade, eufemismo, itens lexicalizados, pronominalização e modalização epistêmica asseverativa.

O uso da construção “X-inho” desses *corpora* sugere uma grande possibilidade de que o uso oral de tais informações tende a refletir uma noção mais subjetiva, principalmente, intensificadora, do que a referente ao tamanho, ou seja, dimensiva. Sendo assim, devido às complexidades da comunicação, os falantes usam implicaturas que sugerem aos interlocutores as inferências necessárias para que ocorra a comunicação (MARTELOTTA, 2010).

Novos sentidos surgem na língua de forma instantânea e se espalham em uma determinada comunidade de fala de forma gradual. Entretanto, a aquisição do novo sentido no âmbito individual é instantânea. Os novos usos se generalizam em diversos contextos. Eles passam a ter força pragmática se houver um valor social para a sociedade. Os novos usos se tornam tão acessíveis quanto os usos originais.

A mudança linguística é motivada comunicativamente e a inferência sugerida engloba as complexidades da comunicação que o falante utiliza para evocar implicaturas. Isto permite que o ouvinte faça as inferências necessárias para que se dê a comunicação (MARTELOTTA, 2010).

Provavelmente, por meio deste processo de inferenciação, surgem novos usos na língua. Diante das necessidades comunicativas, os interlocutores usam novos sentidos, sendo possível a compreensão dos significados emergentes devido à projeção de traços semânticos que possibilitaram a interpretação dos novos usos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A. *Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos*. Estudios lingüísticos. 3. ed. Madrid: Gredos, 1967.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2004.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HENRIQUES, C. C. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ROSA, M. C. A. P. *Formação de nomes aumentativos: estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses*. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UERJ, 1982. 85f.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1916.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Outra fonte:

CORPUS Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFF (D & G). (Rio de Janeiro). Disponível em: <http://discursoegramatica.com//>. Acesso em: 23 de julho de 2019.